



## SEÇÃO: ARTIGOS

# É trabalho de preto... Emergência e insurgência da luta contra o racismo pela ressignificação do discurso

*It's black's work... Emergence and insurgency in the fight against racism for the resignification of discourse*

Tatiana Jardim

Gonçalves<sup>1</sup>

[orcid.org/0000-0003-1842-1850](https://orcid.org/0000-0003-1842-1850)

[tatiana.goncalves@hotmail.com](mailto:tatiana.goncalves@hotmail.com)

Recebido em: 16/12/2020.

Aprovado em: 27/07/2021.

Publicado em: 27/01/2022.

**Resumo:** Este artigo centra-se na defesa da ressignificação do discurso como uma das frentes de insurgência e de atualização da luta contra o racismo. Para cumprir tal intento, são analisados os nomes de duas páginas da rede social Instagram que são ressignificações de expressões racistas cristalizadas. Este percurso será orientado por Achille Mbembe (2018), Abdias Nascimento (2016) e Beatriz Nascimento (2018), no que tange às questões ligadas ao racismo e ao negro. O tratamento das questões discursivas está pautado nos conceitos de formação discursiva (FOUCAULT, 2016), de prática discursiva desenvolvido por Dominique Maingueneau (1997; 2008) e de linguagem-intervenção defendido por Décio Rocha (2006; 2014). Com isso, será possível mostrar que a relação entre língua e história sempre se atualiza e propicia construções de outros mundos e de outras possibilidades de sociedade.

**Palavras-chave:** Racismo. Ressignificação. Formação discursiva.

**Abstract:** This article focuses on defending the redefinition of discourse as one of the fronts of insurgency and updating the fight against racism. To fulfill this intent, the names of two pages of the social network Instagram are analyzed, which are resignifications of crystallized racist expressions. This path will be guided by Achille Mbembe (2018), Abdias Nascimento (2016) and Beatriz Nascimento (2018), regarding issues related to racism and black people. The treatment of discursive questions is based on the concepts of discursive formation (FOUCAULT, 2016), discursive practice developed by Dominique Maingueneau (1997; 2008) and intervention-language defended by Décio Rocha (2006; 2014). With this, it will be possible to show that the relationship between language and history is always updated and provides constructions of other worlds and other possibilities of society.

**Keywords:** Racism. Resignification. Discursive formation.

*"Estritamente falando, a vida é aquilo que a luta tiver produzido."*

(Achille Mbembe)

## Introdução

Toda reflexão acerca da sociedade requer, inegavelmente, que sejam consideradas as singularidades inerentes ao homem e conseqüentemente à circulação e os sentidos das mesmas. Isso porque tais singularidades são atravessadas e capturadas por poderes, saberes e verdades, e por isso podem ser assumidas, negadas, apagadas, evidenciadas e até invisibilizadas.



<sup>1</sup> Secretaria Estadual de Educação (Seeduc/RJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Nesse sentido, as lutas, investidas de outras possibilidades de vida, fundamentam as novas formas de organização social. As lógicas que impõem a subalternização de certos sujeitos são confrontadas por modos de transitar no mundo que as problematizam e as deslocam, e nisso o discurso assume um papel central. Sendo o discurso, o conglomerado que mescla língua e história ou, ainda, aquilo pelo que se luta, como bem assevera Foucault (2009), estamos diante de uma problemática complexa tendo em vista o fato de que há retroalimentação entre a vida e a linguagem, já que o discurso engendra, gera e sedimenta o social. Somos, então, desafiados a pensar os discursos sob a defesa das produções e dos deslocamentos, somos convidados a revisitar os discursos que fundamentam as práticas sociais e rever suas engrenagens em conformidade com o nosso tempo. É nesta direção que podemos encontrar e ler as reorganizações que se operam nas e pelas discursividades, é nesta direção que observamos os fluxos sociais que insurgem e se operam pela linguagem.

Propomo-nos, neste artigo, a mostrar como isso pode ser visto nas formas de enfrentamento do racismo e, conseqüentemente, na afirmação da subjetividade do negro<sup>2</sup> na sociedade. Para cumprir tal objetivo, apresentamos análises discursivas dos nomes de duas páginas do Instagram a fim de mostrar que as ressignificações traduzem os embates inerentes à vida e revelam o presente como potencialidade para invenções ou produções de outros espaços. Com isso, será possível explicitar os movimentos de combate ao racismo bem como as emergências e as inovações das lutas que vêm se operando pelo discurso.

## 1 Racismo: uma questão e muitas frentes de luta

O racismo é uma problemática da humanidade, já que organiza e rege as práticas dirigidas aos sujeitos negros, aos sujeitos não brancos e, ainda,

sedimenta os lugares do negro e do branco. Se considerarmos que sociedades foram erguidas e se mantêm sob o viés da raça, não podemos negar a urgência do entendimento e do enfrentamento desse sistema que produz, exclui e violenta subjetividades. Admiti-lo e enfrentá-lo, no entanto, é uma tarefa complexa, não só pela dimensão que abarca, mas, principalmente, e mais especificamente no Brasil, pelas engrenagens que o constituem. Por ser uma prática perpassada por poderes, saberes e discursos, há um aparelhamento incessante que lhe confere novas faces e novas roupagens ao longo do tempo. Por isso, o combate requer que os sujeitos se coloquem em diferentes frentes de luta e que se organizem de diferentes formas. Cabe, dessa maneira, evidenciarmos alguns de seus componentes a fim de que seja apresentada uma reflexão sobre as muitas frentes de luta e, conseqüentemente, sobre os modos de constituição e de reconhecimento dos sujeitos.

Um dos elementos mantenedores do racismo é o olhar. Há um viés antropológico que educa os sujeitos para enxergarem o corpo negro de certa forma, e isso se alicerça na ideia de raça. A raça, segundo Mbembe (2018, p. 28), "[...] não existe enquanto fato natural físico, antropológico ou genético. A raça não passa de uma ficção útil, uma construção fantasmática ou uma projeção ideológica [...]". Tal afirmação permite compreendermos que a existência da raça diz respeito à sua fabricação como elemento de realidade que constitui a sociedade e os sujeitos. Sua existência, portanto, está atrelada à produção de uma verdade e essa, como afirma Foucault (2015, p. 52), é deste mundo, ou seja, é produzida na relação do homem com o mundo e com outros homens. Tal verdade está atrelada ao ideário ocidental que se alicerça por meio da divisão do mundo e dos homens. Mbembe (2018, p. 13) afirma ainda:

<sup>2</sup> Há discussões em torno do uso da palavra negro, pois essa (MBEMBE, 2018), vincula-se a um conjunto de vozes, de enunciados e de saberes que têm as pessoas de origem africana como objeto, o que cria a sua existência no mundo, o que as cria como sujeitos raciais. Compreendemos, no entanto, que a língua é uma produção social e, como tal se atualiza. Os vocábulos são ressignificados e podem até mesmo perder dada força semântica em virtude das lutas, das conjunturas ou do trabalho que é feito pelo homem na história. Assim, neste artigo, usamos as palavras negro e preto não só em função do debate racial, mas também porque em dadas passagens, como se verá na leitura, um ou outro será mais adequado para expressarmos os sentidos necessários.

[...] Ao reduzir o corpo e o ser vivo a uma questão de aparência, de pele e de cor, outorgando à pele e à cor o estatuto de uma ficção de cariz biológico, os mundos euro-americanos em particular fizeram do negro e da raça duas versões de uma única e mesma figura: a da loucura codificada. Funcionando simultaneamente como categoria originária, material e fantasmática, a raça esteve, no decorrer dos séculos precedentes, na origem de inúmeras catástrofes, tendo sido a causa de devastações psíquicas assombrosas e de incalculáveis crimes e massacres.

Assim, a ideia de um corpo racializado, de um corpo cujo status se acopla somente à condição biológica coloca o negro como não sujeito, sua condição de homem no mundo é apagada e dá lugar a uma existência em que a ausência de caracteres humanos está no bojo das práticas que os cercam. É nesta perspectiva que concebemos o olhar como um dos elementos que compõe a engrenagem do racismo. Imbuídos pela verdade que coisifica o corpo negro e atravessa o tempo os sujeitos deixam de enxergar este corpo como passível de vivenciar todas as questões inerentes à experiência de ser humano. Desde as dores físicas até invisibilizações que acarretam mortes, esse olhar tira do sujeito negro a possibilidade de ser visto e compreendido como um sujeito para ser compreendido como coisa.

Outro componente do racismo é a política. Falamos da política como um fazer, como ação que engendra a vida, da política trivial que forja e é forjada no social. Um acontecimento pode ser enquadrado como parte desta política: a denominada democracia racial. Esse termo surge da compreensão da obra *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre e é usado para qualificar e moldar as relações raciais na realidade brasileira. A orientação semântica desse termo remete à idealização de um país em que as relações raciais não são conflitantes, excludentes. Isso mantém, até os nossos dias, um abismo. Abdias Nascimento (2016, p. 111) afirma:

Devemos compreender "democracia racial" como significando a metáfora perfeita para designar o racismo estilo brasileiro: não tão óbvio como o racismo dos Estados Unidos e nem legalizado qual o *apartheid* da África do Sul, mas institucionalizado de forma eficaz nos níveis oficiais de governo, assim como difuso e profundamente penetrante no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural da sociedade do país.

Podemos conceber, portanto, que a gênese deste termo é, na verdade, a gênese de uma política racial. Se analisarmos as consequências decorrentes de seu vasto uso, constatamos que estamos diante da criação de uma dada realidade engendrada pela linguagem. Podemos compreender democracia racial como o que Deleuze e Guattari (1995) denominam como palavra de ordem. Os autores dizem:

Chamamos *palavras de ordem* não uma categoria particular de enunciados explícitos (por exemplo, no imperativo), mas a relação de qualquer palavra ou de qualquer enunciado com pressupostos implícitos, ou seja, com atos de fala que se realizam no enunciado, e que podem se realizar apenas nele. As palavras de ordem não remetem, então, somente aos comandos, mas a todos os atos que estão ligados aos enunciados por uma «obrigação social» (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 12, grifo dos autores).

Desse modo, o termo democracia racial converte-se em uma palavra cuja função é produzir e sustentar uma ordem de mundo em que o sujeito negro e todas as ações realizadas no país para o seu apagamento sejam esquecidos. O uso e a manutenção da palavra de ordem democracia racial propiciam que as singularidades inerentes ao negro sejam diluídas, silenciadas, paulatinamente esquecidas e até embranquecidas. O efeito disso é devastador, pois impede não só a experiência da subjetividade como também anula as possibilidades de discussões fundamentais para o banimento do racismo.

Como afirmamos, o racismo funciona, é regido por uma engrenagem. Os elementos expostos acima mostram isso, logo, destacá-los não é indicar que deve haver desmembramento, mas é explicitar que o enfrentamento do racismo exige o conhecimento e o reconhecimento das peças que o compõe. As frentes de luta são muitas e, mais do que atacar ou lançar o olhar sobre cada uma delas, é primordial que os sujeitos reconheçam e se apropriem de estratégias para criar saídas que deem conta da problemática. Lutar contra o racismo, portanto, é fazer uma cartografia, para usarmos aqui mais uma vez as concepções de Deleuze e Guattari, e fazer um mapeamento não só para identificar os elementos que integram sua engrenagem, mas,

acima de tudo, para conhecer os caminhos que o ergueram e sustentam e inventar outras lutas.

## 2 Linguagem, produção de realidade e lutas

Discorreremos sobre alguns elementos que integram a engrenagem do racismo, e vale destacar que, embora seja interseccional, é impossível não atentarmos para as peculiaridades das peças de que é composto, pois estas asseguram sua manutenção. Uma dessas peças é a democracia racial que, para além do construto conceitual que é, pode ser observada também no âmbito linguístico. Lançar este olhar sobre a expressão, é considerar os efeitos que produziu e que produz na dimensão da questão racial no Brasil. Estamos, então, tratando da palavra no mundo, estamos considerando a linguagem situada.

Assumir a linguagem como uma instância situada é considerar as conjunturas em que se realiza, ou ainda, as conjunturas que permitem a sua realização de dada forma e também compreender sua dimensão acional. Com isso, reconhecemos a linguagem como espaço de atuação e de criação, uma vez que sua ocorrência está atrelada às condições que a cerca e à agência de sujeitos situados no tempo e no espaço. Tal reconhecimento nos remete à concepção de discurso como prática. Maingueneau (1997; 2008) considera o fio discursivo a partir da relação indissociável entre o texto e a comunidade que lhe dá sustentação:

[...] falaremos de prática discursiva para designar esta reversibilidade essencial entre as duas faces, social e textual do discurso. [...] A noção de "prática discursiva" integra, pois, estes dois elementos: por um lado, a formação discursiva, por outro, o que chamaremos de comunidade discursiva, isto é, o grupo ou a organização de grupos no interior dos quais são produzidos, gerados os textos que dependem da formação discursiva (MAINGUENEAU, 1997, p. 56).

Esta imbricação diz respeito ao trabalho que é feito na/pela linguagem para sedimentar um discurso. Isso, conseqüentemente, gera uma produção de mundo, de realidade, já que uma prática diz respeito à constância, à regularidade. Não se trata somente de reiteração, mas de mobilizações

que são feitas para a sedimentação de sentidos. Por isso, o termo democracia racial deve ser lido em uma perspectiva discursiva, porque sua constituição está atrelada a uma prática discursiva, isto é, a uma produção linguageira que movimenta e integra diferentes elementos para a produção e solidificação de um dado campo de sentido.

É nesse sentido que concebemos a linguagem como criadora. Não é possível compreendê-la como instância apartada do mundo e das práticas do homem e, tampouco, como forma de etiquetagem do mundo. Se interferimos no mundo, se somos afetados por estas intervenções, se produzimos verdades, como a linguagem não seria também parte destas produções? Como a linguagem não seria a operadora de tais produções? Vale observarmos:

[...] "Negro" é, antes de mais nada, uma palavra. Uma palavra remente sempre a alguma coisa. Mas a palavra tem também uma consistência própria, uma densidade própria. *Uma palavra existe para evocar alguma coisa* na consciência daquele a quem é endereçada ou que a ouve (MBEMBE, 2018, p. 263, grifo nosso).

A afirmação do autor nos leva para o terreno da criação e da intervenção, mostra que a palavra negro não é um significante fechado, mas que assume dado *status* em conformidade com projetos discursivos. Não se trata somente de nomear o indivíduo como negro, mas de fazer emergir uma realidade: a de ser objetificado como negro. A linguagem é intervenção, pois

Se discurso é tudo isso – simultaneamente produção textual e produção de uma comunidade –, então, não é possível supor que ele mantenha uma relação de mera representação com o mundo: o discurso não pode simplesmente representá-lo porque ele não está distanciado do mundo, ou seja, ele também participa desse mundo. Seria, talvez, preferível assumir que a linguagem tem, sim, algum poder de representação, mas o mundo já não coincidiria exatamente com a representação desse mundo por intermédio da linguagem, uma vez que, ao fazer referência a esse mundo, a linguagem congela o tempo, altera distâncias, oferecendo-nos um retrato – sempre parcial – de um dado momento, *o retrato de uma realidade passada e/ou de uma nova paisagem que não coincide com as coordenadas geográficas de tudo o que pode ser verificado no "mundo ao vivo"* (ROCHA, 2014, p. 624, grifo nosso).

Se a linguagem, então, alça o homem a condições e a possibilidades de vida, cabe enfatizarmos esta dimensão criadora da linguagem, esta dimensão da prática discursiva que atravessa tudo que concebemos e que conhecemos. Se é possível sustentar práticas discursivas criadoras de formas de vida que aprisionam, também é possível sustentar práticas que engendrem modos de vida saudáveis e não excludentes. Por isso, produzir uma realidade em que o racismo seja superado atrela-se, fundamentalmente, às práticas discursivas que advogamos, uma vez que estas abarcam os elementos que sustentam as formas que damos ao mundo. É necessário, então, assumirmos que "A linguagem, efetivamente, não é apenas o lugar das formas. É o próprio sistema da vida" (MBEMBE, 2018, p. 101). É fundamental compreendermos que em nossas atuações no mundo produzimos vida e produzimos a linguagem que dá forma a este mundo, que condiz com o mundo que desejamos. Por isso, a luta contra o racismo passa, necessária e inegavelmente, pela produção de práticas discursivas que deem ao mundo sentidos para além da racialização.

### 3 Ressignificação do discurso: processo de reorganização social

Vimos defendendo (ROCHA, 2006; 2014), que a linguagem intervém no mundo e produz realidades. Demonstramos que o racismo, temática que norteia este artigo, é produzido, sustentado e atualizado pela linguagem. Mostramos também que o caráter inventivo da linguagem se dá pelas práticas discursivas. Estas, por sua vez, não são apenas reiteraões, são o trabalho de retroalimentação realizado na relação entre textos e sujeitos. Isso nos dá condições de considerarmos, sem fazer dissociaões, uma dimensão mais rígida, que comporta as regularidades, e uma dimensão movente da prática discursiva, isto é, a dimensão que agrega, exclui ou transforma elementos. É nesse sentido que podemos tratar da ressignificação do discurso, isto é, da mobilidade de uma prática discursiva em função de processos sociais.

Com Foucault (2016), sabemos que os discursos podem ser identificados a partir de conjuntos de enunciados que coadunam características similares. É a partir desta teorização que alicerçaremos nossa explanação e nossa defesa em torno ressignificação do discurso como potência para o combate ao racismo. O autor afirma:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posiões e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* (FOUCAULT, 2016, p. 47, grifo do autor).

A ideia de uma formação discursiva nos remete a processo, porque não se trata de concebermos esta formação como preexistente ou como algo posto que iria se formando a partir de enunciados que vão sendo produzidos e agrupados. Trata-se de uma organização que se institui a partir de um trabalho realizado na história, ou melhor, na relação entre língua e história, e assume uma configuração que atende a emergências discursivas. Nesse sentido, tem de haver uma coesão e, conseqüentemente regras de formação que são "[...] condições de existência (mas também de coexistência, de manutenção, de modificação e de desaparecimento) em uma dada repartição discursiva" (FOUCAULT, 2016, p. 47). Assim sendo, uma formação discursiva emerge da concatenação de elementos que se enquadram em regras específicas para promover a produção do que chamamos de prática discursiva.

É nesta perspectiva que podemos falar em ressignificação do discurso. Se é uma prática, não é possível admitir que sua ressignificação esteja ligada somente a modificaões semânticas. Mais do que uma alteração desta natureza, a ressignificação vincula-se a posicionamentos e à atribuição de diferentes traços a um dado objeto de discurso. Foucault (2016) nos mostra que os objetos de um discurso não têm uma existência prévia, mas são formados no e pelo discurso. Podemos demonstrar isso com o seguinte enunciado: "Negro parado é suspeito e

correndo é ladrão". Tal enunciado, que ainda é corriqueiro nas práticas discursivas e não discursivas, alça o corpo do negro à condição de criminoso, independentemente da conduta e do espaço. É um enunciado que recrimina o sujeito, impedindo-o de transitar ou retirando-o dos espaços. Há, portanto, a produção de um objeto de discurso, que converte este sujeito em um corpo inadequado para simplesmente estar. Há uma regulação desse corpo negro e "[...] o corpo regulado é também o corpo estereotipado por um conjunto de representações que sustentam os ideais de beleza corporal branca, eurocentradas e, no limite, miscigenadas em contraposição a pele preta" (GOMES, 2017, p. 96). Com isso, podemos, mais uma vez, afirmar que nossas enunciações se dão a partir de criações, por isso os sentidos dos enunciados e das palavras estão entranhados de vida.

Desse modo, se criamos os objetos de que falamos tirando suas potencialidades e singularidades, significa que podemos atribuir-lhes outras feições a partir destas mesmas singularidades. Não só porque o objeto abarca particularidades, mas porque a linguagem é intervenção, porque as práticas discursivas, que comportam língua, história e sujeito, propiciam isso. A ressignificação é, dessa maneira, a conjugação de forças de diferentes ordens que criam, recuperam ou reivindicam outras faces do objeto de discurso. É mais do que mudança de campo semântico, é produção de outros sentidos de vida via linguagem:

[...] De fato é, sobretudo, um processo de "interpelação" pelo discurso, para retomar uma fórmula althusseriana; definindo o que é necessário para poder enunciar, o discurso "filtra" a aparição, no campo da palavra, de uma população enunciativa distinta. Chamemos de *vocação enunciativa* às condições assim postas por uma formação discursiva para quem um sujeito nela se inscreva, ou melhor, se sinta "chamado" a inscrever-se nela (MAINGUENEAU, 2008, p. 130, grifo do autor).

Pensar, portanto, na ressignificação das práticas discursivas como alicerce para o combate ao

racismo é pensar em uma formação discursiva como um espaço de reivindicações. Os sentidos aí produzidos estão no cerne do interdiscurso que, "[...] além de ser o elemento fundante da discursividade, seria também um elemento agregador" (JARDIM, 2019, p. 123). Os enunciados, cujos sentidos relativos ao negro e ao racismo são outros, captados para integrar essa formação discursiva, mostram embates, mas, sobretudo, posições, subjetividades que se inscrevem no mundo, se agregam e advogam outros sentidos, outros lugares. Isso, no que tange ao enfrentamento do racismo, constitui um verdadeiro campo de luta e confirma a organização para a vida.

#### 4 Um quilombismo discursivo: análises

Nesta seção, apresentamos as análises discursivas para mostrar o que vimos defendendo. Como anunciamos nas linhas iniciais deste artigo, analisaremos os nomes de duas páginas da rede social Instagram que são autointituladas a partir da apropriação de enunciados originalmente racistas. Convém expormos, brevemente, a natureza desta rede social. O Instagram é uma rede social que permite que os usuários compartilhem fotos e vídeos. Nela, podem ser criadas páginas que contenham diferentes conteúdos, desde páginas pessoais até páginas religiosas, institucionais, políticas etc. Os elementos verbais só podem ser disponibilizados se houver o acréscimo de um elemento pictórico, que é o imperativo desta rede. Os administradores lançam conteúdos inerentes às temáticas que dirigem os objetivos das páginas e cada uma delas contém uma autodescrição que permite ao leitor entrever, antes de uma pesquisa mais aprofundada, os objetivos de cada uma delas.

Dito isto, podemos partir para as análises.

A primeira página cuja nomenclatura será analisada é "Trabalho de Preto". Sua descrição mostra ao leitor, como vemos na Figura 1, que o objetivo é expor os empreendedores negros, criar vínculos entre eles e promover seus trabalhos.

Figura 1 – Página “Trabalho de Preto”



Fonte: Perfil “Trabalho de Preto (TDP)” no Instagram (2020).<sup>3</sup>

O nome da página é uma referência à expressão cristalizada “Serviço de preto”. A expressão original é usada não só para desqualificar um trabalho, mas para caracterizar um trabalho considerado mal-feito ou ruim por ter sido realizado por um sujeito negro. Nesse sentido, a expressão pode ser compreendida como um qualificador não só do trabalho, mas do sujeito.

No que tange à estruturação da expressão, cabe destacarmos que a mudança do vocábulo serviço para trabalho já constitui uma resignificação em um dado nível, pois serviço, embora seja usado como sinônimo de trabalho, semanticamente é menos enfático, refere-se a atividades não regulares, ao passo que trabalho faz remissão a atividades regulares. Constatamos, então, um deslizamento de sentido.

A autointitulação “Trabalho de preto” conjuga o viés semântico mais rígido da palavra trabalho e o viés de sentido da palavra preto. É possível compreender este sintagma nominal como um vocábulo enunciado por um sujeito que advoga não só um lugar de trabalho, mas, acima de tudo, um lugar em que há a interseção entre raça e trabalho. Trabalho de preto pode ser compreendido como um conjunto de atividades específicas realizadas por sujeitos pretos não só por uma questão de capacidade ou de especificidade, mas de apropriação de um dado espaço discursivo, porque “[...] além de seu estrito valor semântico, as unidades lexicais tendem a adquirir o estatuto de pertencimento” (MAINGUENEAU, 2008, p. 81). Assim, é possível

abrigarmos o nome da página em um construto, em uma formação discursiva que comporta vozes e posicionamentos de insurgência. Verificamos, portanto, o acontecimento interdiscursivo, pois mais do que uma relação entre discursos, há a relação das lutas, do trabalho e das produções que se operam sobre o outro para a constituição de uma identidade discursiva, como defende Maingueneau (1997; 2008). A nomenclatura da página consiste, então, em um embate com a voz que diz “Isso é serviço de preto!” (coisa ruim), é serviço de um sujeito que tem habilidades precárias. O enfrentamento é evidenciado pela resignificação da expressão cristalizada que culmina na construção de um campo discursivo em que outra enunciação é possível: a enunciação que advoga e mostra a capacidade empreendedora e a humanidade do sujeito preto.

A segunda página a ser analisada é “tinhaque-serpretooficial”. Como exposto abaixo, a página destina-se a contar a história do povo preto. Ao navegarmos pela página, observamos a biografia das personalidades e a exposição de seus feitos para a sociedade brasileira. É importante ressaltar que o fato de a página anunciar que seu objeto é “contar a história do povo preto brasileiro” mostra um posicionamento relativo à questão da subjetividade. Esse contar a história diz respeito às produções inerentes ao homem no mundo, produções que a história produzida em nosso país apagou para manter o sujeito negro atrelado ao ideário da escravidão e, principalmente, da subalternidade.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/trabalhodepreto>. Acesso em: 10 dez. 2020.

**Figura 2** – Página “Tinha Que Ser Preto”

**Fonte:** Perfil “Tinha Que Ser Preto Oficial” no Instagram (2020).<sup>4</sup>

O nome da página, “Tinha Que Ser Preto”, é a recapitulação da expressão cristalizada de mesma constituição. Observamos um enunciado composto pelo modalizador (tinha que) que remete às ideias atreladas ao campo da doxa, da moral. Tal enunciado é usado para reafirmar ideias fabricadas acerca da incapacidade, da agressividade, da falta de educação e de muitas características negativas atribuídas aos sujeitos pretos. É um enunciado extremamente cruel, visto que todo ser vivente erra, todo sujeito pode cometer o desatino, mas o erro do preto conjuga-se à desumanidade produzida para alçá-lo à condição de racializado. Esse é, portanto, um enunciado proferido para manter o negro no lugar de não existência, que é fundamental em uma sociedade racista. Quando a mesma sequência linguística dá nome à página que se propõe a explicitar a história e os feitos de sujeitos pretos brasileiros, estamos diante de um novo enunciado porque

[...] Um enunciado existe fora de qualquer possibilidade de reaparecimento; e a relação que mantém com o que enuncia não é idêntica a um conjunto de regras de utilização. Trata-se de uma relação singular: se, nessas condições uma formulação idêntica reaparece – as mesmas palavras são utilizadas, basicamente os mesmos nomes, em suma, a mesma frase, mas não forçosamente o mesmo enunciado (FOUCAULT, 2016, p. 108).

O enunciado, portanto, é da ordem da irrepetibilidade, seu aparecimento se relaciona ao entrecruzamento de fatores que não são da ordem da língua ou da estrutura, uma vez que

[...] uma sequência de elementos linguísticos só é enunciada se estiver imersa em um campo enunciativo em que apareça como elemento singular” (FOUCAULT, 2016, p. 120). A constituição de um enunciado como tal está relacionada a ordens que estão para além da língua; sua produção e sustentação dependem da relação entre conjuntura, objeto por ele produzido e sujeito que enuncia. Assim, nos termos de Foucault, o enunciado é um acontecimento.

A nomeação da página, dessa maneira, é um enunciado novo, na medida em que mostra outras posições subjetivas e outro objeto. Não se trata mais do sujeito que enuncia para reafirmar o ideário de menosprezo do negro, mas do sujeito que, em conformidade com a conjuntura, assume a posição subjetiva da insurgência para enunciar que preto tem habilidade, que preto trabalha em diferentes frentes, que preto produz. O enunciado “Tinha que ser preto” denomina a página e se inscreve em um universo enunciativo de lutas.

Pelo exposto, podemos afirmar que estamos diante de uma formação discursiva. Se recuperamos Foucault (2016), para quem tal formação só pode ser definida por um conjunto de enunciados que possuem regularidades, estamos, sim, diante de enunciados que podem ser enquadrados em uma formação que advoga o combate ao racismo. Nesse sentido, é possível reafirmarmos que uma formação discursiva desta natureza é um espaço de reivindicação, porque sua constituição é a própria luta, porque os enunciados aí formados se ligam a enunciações que reivindicam espaço

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/tinhaqueserpretooficial>. Acesso em: 10 dez. 2020.



na história. Estamos, então, diante da criação da corporeidade negra, isto é, da criação de corpos metaforizados no mundo e "O saber sobre a corporeidade negra vai além do embate no conexo das relações de poder. Ele orienta a criação de novos tipos de relações, de uma nova linguagem e de uma nova ética" (GOMES, 2017, p. 92). Por isso, defendemos aqui que estamos diante de um quilombismo discursivo. Beatriz Nascimento (2018), ao reler a história e os documentos oficiais, faz um trabalho arqueológico e ouve os silêncios ali presentes. A historiadora defende a tese de que os quilombos eram, sobretudo, espaços de produção de vida. Para ela,

O quilombo não é, como a historiografia tem tentado traduzir, simplesmente um reduto de negros fugidos, simplesmente a fuga pelo fato dos castigos corporais, pelo fato de os negros existirem dentro de uma sociedade opressora, mas também a tentativa de independência, quer dizer a independência de homens que procuram por si só estabelecer uma vida para si, uma organização social para si. Então, fundamentalmente, o quilombo é uma organização social de negro, que foi só os negos que empreenderam essa organização social e que foi paralela durante todo o período da escravização. E mais importante ainda, sendo essa uma organização social, ela se projetou no século XX como uma forma de vida do negro e perdura até hoje (NASCIMENTO, 2018, p. 129).

O quilombo, para além de sua condição de habitação para aqueles que fugiam da subalteridade e da violência, foi uma instituição baseada em políticas. Por isso, compreendemos que a nomeação de páginas, a partir da ressignificação de enunciados e expressões racistas, está alinhada à mesma lógica desses espaços, pois não se trata somente de resistência, mas de tomada de uma posição para assumir e se apropriar da história e da existência. Não se trata de recuperar ou afirmar o racismo pela linguagem, mas de provar que, para além desta engrenagem, há potência que se afirma por uma prática discursiva de vida.

### Considerações finais

O enfrentamento do racismo é a necessidade urgente do homem. Tal enfrentamento passa pelo reconhecimento de sua existência e pela adoção de condutas que desvelem suas engrenagens.

Passa pela invenção de lutas e de modos de lutar, pelo entendimento da vida como potência, singularidade e pela linguagem. Se recuperarmos, com Bakhtin (2014), que a enunciação é social e que as palavras estão carregadas de um conteúdo vivencial, compreendemos que as práticas discursivas constituem elemento fundamental deste enfrentamento.

Assim, vale lembrar que o racismo se atualiza, se refina, já que no bojo das práticas sociais certas relações vão se construindo, permitindo outros modos de execução, solidificações e modos de enunciar que sejam atinentes a este projeto. Por isso, qualquer prática discursiva que tenha um posicionamento distinto do racismo é um espaço de reorganização social. Se pensarmos que a ordem vigente ainda nega a subjetividade do negro, nega a sua voz, nega até o seu direito de estar; significa que a ressignificação do discurso é o empreendimento de uma luta.

Como afirmamos ao longo deste texto, a ressignificação de enunciados racistas, é o levantamento de vozes que erguem uma formação discursiva como uma instância de reivindicação. Sendo o discurso aquilo pelo que se luta, recuperando mais uma vez Foucault (2009), estamos diante de uma ressignificação que se dá na linguagem a partir de ressignificações da própria existência. Não se trata de transposição semântica, mas da produção de sentidos do discurso que emergem dos sentidos gerados na vivência, na experiência, são sentidos produzidos nos embates com o racismo.

Podemos, por fim, afirmar que a ressignificação das práticas discursivas constitui uma estratégia sempre adotada pelo povo preto: o aquilombamento. No período da escravidão, no pós-abolição e hoje, os sujeitos negros se organizam, produzem e vivenciam experiências singulares de coletividade. Portanto, a ressignificação das práticas discursivas constitui a ressignificação da própria existência, por isso a luta contra o racismo reorganiza a sociedade, pois reconfigurar discursos é dar corpo a uma discursividade de vida, é produzir uma nova linguagem para a vida.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1995.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 19. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

FOUCAULT, Michel. Verdade e poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015. p. 35-54.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis: Vozes, 2017.

JARDIM, Tatiana. *Sem dor, sem ganho: uma análise da prática discursiva "motivacional" do fisiculturismo*. 2019. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. São Paulo: Editora Unicamp, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. 4. ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. *Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual: possibilidade nos dias da destruição*. Diáspora Africana: Filhos da África, 2018.

ROCHA, Décio. Representação e intervenção: produção de subjetividade na linguagem. *Gragoatá*, Niterói, n. 21, p. 355-372, 2006.

ROCHA, Décio. Representar e intervir: linguagem, prática discursiva e performatividade. *Linguagem em (DIS)curso*, Tubarão, v. 14, n. 3, p. 619-632, set./dez. 2014.

## Endereço para correspondência

Tatiana Jardim Gonçalves  
Colégio Estadual Professor José de Souza Marques  
Estrada do Quitungo, 551  
Brás de Pina, 21215-560  
Rio de Janeiro, RJ, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação da autora antes da publicação.*

---

## Tatiana Jardim Gonçalves

Doutora em Letras, com especialidade em Linguística pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil; mestre em Estudos de Linguagem, com especialidade em Linguística, pela Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, RJ, Brasil; professora da Rede Estadual de Educação do Rio de Janeiro (Seeduc/RJ), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil.